

# ÍNDICE

**Apresentação** — 8

**Biografia do autor** — 10

**Aviso do Editor (de 1709)** — 22

**Testamento Político do Cardeal Duque de Richelieu ao rei** — 28

**PRIMEIRA PARTE** — 32

**CAPÍTULO I** — 33

Sucinta narração de todas as grandes ações do Rei até a paz, feita no ano de...

**CAPÍTULO II** — 88

Das reformas da ordem eclesiástica

Seção I — 88

Seção II — 95

Seção III — 109

Seção IV — 114

Seção V — 122

Seção VI — 126

Seção VII — 139

Seção VIII — 143

Seção IX — 146

Seção X — 148

Seção XI — 157

Seção XII — 160

**CAPÍTULO III** — 164

Da nobreza

Seção I — 164

Seção II — 170

**CAPÍTULO IV — 176**

Da terceira ordem do reino

Seção I — 177

Seção II — 192

Seção III — 197

Seção IV — 200

Seção V — 204

**CAPÍTULO V — 207**

Que considera o Estado em si mesmo

Seção I — 207

Seção II — 209

Seção III — 213

**CAPÍTULO VI — 216**

Que representa ao rei o que se estima como devendo considerar em relação à sua pessoa

**CAPÍTULO VII — 231**

Que faz ver o estado presente da casa do rei e declara o que parece necessário para pô-la no estado em que deve estar

**CAPÍTULO VIII — 241**

Do conselho do príncipe

Seção I — 241

Seção II — 244

Seção III — 247

Seção IV — 254

Seção V — 258

Seção VI — 266

Seção VII — 272

**SEGUNDA PARTE — 283**

**CAPÍTULO I — 284**

O primeiro fundamento de um Estado é o estabelecimento do reino de Deus

**CAPÍTULO II — 288**

A razão deve ser a regra e a diretriz de um Estado

**CAPÍTULO III — 294**

Que mostra que os interesses públicos devem ser o único fim daqueles que governam os Estados, ou que pelo menos devem ser preferidos aos particulares

**CAPÍTULO IV — 298**

Quanto a providência é necessária ao Governo de um Estado

**CAPÍTULO V — 301**

A pena e a recompensa são dois pontos completamente necessários à direção dos Estados

**CAPÍTULO VI — 312**

Um tratar contínuo não contribui pouco ao bom sucesso dos negócios

**CAPÍTULO VII — 323**

Uma das maiores vantagens que se possam conseguir para um Estado é destinar cada um ao emprego para o qual é mais próprio

**CAPÍTULO VIII — 332**

Do mal que os adúladores e intrigantes causam aos Estados, e quanto é importante afastá-los de junto dos reis, banindo-os da sua corte

**CAPÍTULO IX — 340**

Que trata do poder do príncipe; e que se divide em oito seções

Seção I — 340

Seção II — 342

Seção III — 344

Seção IV — 348

Seção V — 385

Seção VI — 401

Seção VII — 415

Seção VIII — 445

**CAPÍTULO X** — 447

Que conclui esta obra, fazendo conhecer que todo o conteúdo dela será inútil se os príncipes e seus ministros não são tão apegados ao governo do Estado, que, nada omitindo daquilo que é adstrito ao seu cargo, não abusem nunca do seu poder —

**POSTFÁCIO DO TRADUTOR** — 452

**NOTAS** — 480

# TESTAMENTO POLÍTICO



“Richelieu em comando.  
Batalha de La Rochelle”

**Cardeal Duque de  
Richelieu**

# APRESENTAÇÃO

Nélson Jahr Garcia

Richelieu tornou-se um personagem histórico bastante conhecido. Essa popularidade se deve, em grande parte, a Alexandre Dumas, especialmente por sua obra “Os três mosqueteiros”, que virou filme, até chegou aos quadrinhos.

Há algumas distorções, contudo. A história que permanece fala de um cardeal arbitrário, arrogante, ambicioso, cruel e devasso. Essa visão, se não é falsa, é parcial.

Richelieu foi um grande estrategista militar, promoveu, enfrentou e venceu inúmeras guerras e batalhas. Como estadista não merece críticas, sua hábil genialidade na condução dos negócios públicos foi impecável. O “Testamento Político”, obra que aqui divulgamos é uma prova dessa afirmação. Como fez Maquiavel, em “O Príncipe”, o Cardeal aconselha e orienta o governante sobre a arte de bem administrar o Estado. Ensina como promover a igualdade, justiça das leis, importância da religião, papel da educação, uso da violência, tudo enfim que importa ao líder de uma grande nação.

Não se sabe quantas mulheres Richelieu possuiu, mas amante teve uma só, a quem foi fiel até a morte: “La France”.

## BIOGRAFIA DO AUTOR



Richelieu era um menino doentio e triste. Armand Jean du Plessis (o seu nome verdadeiro antes de ser, simplesmente, Richelieu) nasceu em 1585 de uma família pobre da pequena nobreza. O pai descendia dos Du Plessis Richelieu, aristocratas provincianos, avarentos e brigões. O avô foi pajem do rei Carlos IX e casou com a pobre e orgulhosa Françoise de Rochechouart, um dos nomes mais antigos da França (madame de Montespan, a favorita de Luís XIV, era também uma Rochechouart). O velho ficou indignado quando um dos seus filhos, François du Plessis, protegido do rei Henrique III, casou com a filha de um advogado de Paris, uma burguesa: Suzanne de la Porte. Mas Suzanne era rica e os Richelieu tinham grande necessidade de dinheiro. A altiva Rochechouart, apesar da fortuna da nora, tratou-a sempre com pouco caso. E o pequeno Armand teve uma mãe resignada, abatida, humilde e



doce. Amou-a de todo o coração e este foi, acredita-se, o seu único amor. Ele era o terceiro de cinco filhos — três homens e duas mulheres — e deveria, como mandava o costume naquele tempo, deixar os títulos, honras e glórias ao irmão mais velho. O pequeno Richelieu não pensou em rebelar-se contra essa desvantagem mas, em seus silêncios prolongados, nos freqüentes acessos de febre, remoeu com certeza pensamentos amargos. Era muito inteligente e, mandado pela família para Paris, onde deveria estudar num dos colégios mais qualificados, o de Navarre, logo destacou-se pela rapidez no aprender e pelo instinto de liderança. Tinha nove anos. “Havia nele — escreveu um colega — o desejo constante de ser elogiado e, ao mesmo tempo, o medo da reprovação”.

Com 16 anos saiu do colégio e escolheu a carreira das armas, matriculando-se na escola militar dirigida por Antoine de Pulvinci, ex-embaixador, cortesão requintado, grande cavaleiro. Armand du Plessis teve então que submeter seu físico franzino a dura disciplina. Brilhou nos exercícios de equitação e nos de tiro, tal como se havia distinguido nos estudos do colégio de Navarre. Muitas vezes, tiritando de febre, obrigava seu corpo a resistir — e conseguia.

A vida militar agradava ao jovem Richelieu e ele teria continuado nela se uma necessidade familiar não o tivesse afastado das armas. Morre um tio seu, que recebia os benefícios financeiros do arcebispado de Luçon, doado aos Richelieu por Henrique III. E o irmão de Armand, que deveria ser o herdeiro, não quis saber do título, porque havia escolhido a humildade e a pobreza, tornando-se monge. Perder o bispado de Luçon significava, para a família, perder rendas indispensáveis. Armand Jean sacrificou-se e tomou o lugar do irmão, revelando submissão que surpreende, quando se pensa na satisfação que lhe dava a carreira militar. Mas sua ambição já era grande, e ele pensou certamente que o título de bispo seria mais convidativo do que o de general, tanto mais que poderia consegui-lo rapidamente.

Ei-lo, com apenas 16 anos, no bispado de Luçon, curvado sobre textos eclesiásticos. Estudou com tanto afinco que o rei Henrique IV solicitou ao seu embaixador no Vaticano uma dispensa papal para o jovem bispo. Armand viajou então para Roma, a fim de completar seus estudos religiosos. Lá permaneceu durante dois anos, conseguindo penetrar nos meios vaticanos e fazer-se notar pelo papa Paulo V. Parece que o pontífice, tendo ouvido um sermão daquele estudioso tão aplicado, elogiou-o com estas palavras: “Dotado de uma sabedoria acima de tua

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

